

As transformações das áreas de influência migratória dos pólos econômicos brasileiros nos períodos 1980-1991 e 1991-2000*

Ricardo Alexandrino Garcia**
Mauro Borges Lemos***
José Alberto Magno de Carvalho****

O artigo analisa as transformações das áreas de influência migratória dos pólos econômicos brasileiros ao longo das três últimas décadas. Com base na hierarquia urbana desses pólos, é proposto um modelo de identificação das suas áreas de influência migratória. A partir das configurações territoriais, obtidas mediante o mapeamento dos resultados para os anos de 1980, 1991 e 2000, tecem-se interessantes considerações a respeito da dinâmica dos fluxos migratórios microrregionais dos pólos econômicos brasileiros.

Palavras-chave: Migração interna. Regionalização econômica. Modelo gravitacional.

O presente estudo analisa as transformações das áreas de influência migratória dos pólos econômicos brasileiros, bem como oferece insumos migratórios para o aprimoramento dos critérios econômicos de regionalização. Para tanto, foram caracterizadas as áreas de influência migratória dos pólos econômicos nacionais em três momentos: 1980, 1991 e 2000. Os movimentos migratórios ocorridos durante os quinquênios 1975-1980, 1986-1991 e 1995-2000 foram empregados como índices de influência migratória entre os pólos e as demais áreas geográficas.

Os conceitos de pólo econômico e hierarquia urbana há muito vêm sendo debatidos pela literatura especializada. O trabalho de Lemos *et al.* (2000) é um exemplo do quanto os estudos nessa área podem e devem contribuir para uma nova agenda do planejamento regional brasileiro. Nesse estudo, o território nacional é recortado em macro, meso e microrregiões economicamente distintas. Para tanto, foram estabelecidas uma hierarquia dos centros econômicos brasileiros¹ – tendo como critério o peso do setor terciário no total de suas economias – e interações da massa

* Este artigo baseia-se na tese de doutorado de Ricardo Alexandrino Garcia (2002), intitulada *A migração como variável endógena: uma proposta de regionalização baseada em pólos econômicos e suas áreas de influência*.

** Doutor em Demografia, pesquisador do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

*** Doutor em Economia, professor e pesquisador do Cedeplar/UFMG.

**** Doutor em Demografia, professor e pesquisador do Cedeplar/UFMG.

¹ Na definição de seu marco teórico, Lemos *et al.* (2000) basearam-se, principalmente, nos trabalhos de Von Thünen (1966), Alfred Weber (1969), Walter Christaller (1966) e August Lösch (1969). Sendo a regionalização o aspecto operacional do conceito de região, ou seja, o procedimento pelo qual a configuração regional é determinada, sua execução, por conseguinte, encontra-se intimamente ligada ao conceito de região adotado – que, nesse caso, corresponde ao de centro urbano polarizador de uma área de influência. No plano teórico, a regionalização fundamenta-se no reconhecimento de que a distribuição desigual da população urbana no espaço advém tanto da eficiência econômica decorrente das economias externas de escala localizadas, que são provenientes da aglomeração de atividades industriais especializadas, criando economias de especialização, quanto da concentração da oferta de serviços produzidos no meio urbano, que gera economias de urbanização (Lemos, Diniz e Guerra, 1999).

de rendimentos de cada centro econômico com a dos demais, calculadas a partir de um modelo gravitacional².

Lemos *et al.* definiram macrorregião como a parcela contígua do território polarizada por uma microrregião de grande concentração urbana, com características de metrópole (macropolo). Por sua vez, cada macrorregião foi dividida em mesorregiões, segundo a capacidade secundária de polarização exercida por grandes ou médias cidades (mesopolo), considerando-se a força de atração das microrregiões pelos mesopolos. Cada mesorregião foi então subdividida em microrregiões³, tomando-se as microrregiões geográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estabelecidas em 1991, como unidades básicas. Foram considerados macro e mesopolos econômicos aquelas microrregiões que possuíam uma elevada concentração urbana e econômica, capazes de polarizar outras microrregiões.

Para a definição desses recortes, o cálculo básico consistiu em estimar, hierarquicamente, a força de atração de cada microrregião pelos macropolos e mesopolos, na razão direta de sua massa de rendimentos totais e na razão inversa do quadrado de suas distâncias. Os dados sobre a massa de rendimentos totais de cada microrregião foram obtidos a partir dos microdados do Censo Demográfico de 1991 e as distâncias entre as microrregiões foram calculadas tendo como base a malha digital

de 1991 dos municípios brasileiros, ambos fornecidos pelo IBGE.

Na identificação das áreas de influência dos pólos econômicos foram obedecidos os critérios de hierarquia econômica propostos pelos autores: num primeiro momento, cada pólo econômico (macro e mesopolos) atraiu para si um conjunto de microrregiões, que deu origem à sua mesorregião de influência; num segundo momento, cada macropolo atraiu um conjunto de mesopolos e, com eles, suas respectivas mesorregiões, dando origem à macrorregião de influência do macropolo.

Uma vez efetuados os procedimentos necessários para a análise das 557 microrregiões definidas pelo IBGE⁴, Lemos *et al.* (2000) identificaram 84 microrregiões atuando como pólos econômicos em 1991. Desses 84 pólos, 11 possuíam, então, uma grande capacidade de polarização sobre as demais microrregiões e foram classificados como os macropolos econômicos brasileiros⁵; os 73 pólos restantes, apesar de influenciados pelos macropolos, polarizavam, por sua vez, um conjunto específico de microrregiões e foram classificados como os mesopolos econômicos brasileiros⁶.

As 557 microrregiões geográficas compunham, portanto, um total de 84 regiões de influência econômica, chamadas mesorregiões, aí incluídos aqueles conjuntos de microrregiões mais fortemente polarizados pelos 11 macropolos. Os 11 macropolos polarizam, também, todos os

² Segundo os autores, o modelo gravitacional proposto por Isard (1975) "permite a definição de um esboço da área de interação de um pólo, próximo à idéia de área de mercado, levando em conta o poder de atração determinado positivamente pela intensidade das trocas econômicas e negativamente pela distância geográfica, refletida economicamente no custo de transporte por unidade do produto transportado" (Lemos *et al.*, 2000, p. 8).

³ No interior de cada macropolo econômico há, portanto, pelo menos um aglomerado urbano com característica de metrópole ou de grande cidade, bem como existe no interior de cada mesopolo um aglomerado urbano de proporções de uma cidade média.

⁴ A rigor, de acordo com a classificação do IBGE, em 1991 o Brasil era composto de 558 microrregiões, mas os autores suprimiram a microrregião de Fernando de Noronha, procedimento que também será aqui adotado.

⁵ Os 11 pólos econômicos brasileiros classificados como macropolos foram: Belém, Belo Horizonte, Brasília-Goiânia, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

⁶ Os 73 pólos econômicos brasileiros classificados como mesopolos foram: Altamira, Aracaju, Araçatuba, Araguaína, Arapiraca, Barreiras, Bauru, Blumenau, Boa Vista, Campina Grande, Campinas, Campo Grande, Campos dos Goytacazes, Cariri, Caruaru, Caxias, Caxias do Sul, Chapecó, Cuiabá, Divinópolis, Dourados, Florianópolis, Goiânia, Governador Valadares, Guarapuava, Iguatu, Ilhéus, Imperatriz, Ipatinga, Itajubá, Itapetininga, Ji-Paraná, João Pessoa, Joinville, Juazeiro, Juiz de Fora, Lages, Londrina, Macapá, Maceió, Marabá, Marília, Maringá, Montes Claros, Mossoró, Natal, Passo Fundo, Pelotas, Porto Velho, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Rio Branco, Rondonópolis, Santa Luzia, Santa Maria, Santarém, São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Luís, Sobral, Sorocaba, Sudoeste de Goiás, Teófilo Otoni, Teresina, Teixeira de Freitas, Cascavel, Criciúma, Uberlândia, Uruguiana, Varginha, Vitória e Vitória da Conquista.

demais 73 mesopolos e, conseqüentemente, suas mesorregiões. O conjunto das mesorregiões polarizadas por um macropolo configurou sua macrorregião de influência econômica.

Os procedimentos metodológicos aqui utilizados para a identificação das áreas de influência migratória dos pólos econômicos brasileiros diferem consideravelmente dos empregados por Lemos *et al.* (2000)⁷. Vale comentar, portanto, alguns pontos que permeiarão a análise daqui por diante.

Os mesopolos são, como já mencionado, microrregiões potencialmente capazes de influenciar as microrregiões que não foram consideradas pólos econômicos. Os macropolos, como o próprio nome indica, são microrregiões que influenciam tanto os mesopolos quanto as demais microrregiões. Ao conjunto de microrregiões influenciadas por um pólo deu-se o nome de *área de influência direta* do meso ou macropolo. Como os macropolos influenciam também os mesopolos, eles acabam influenciando, hierarquicamente, as microrregiões que compõem a área de influência direta desses mesopolos. Ao conjunto das áreas de influência direta dos mesopolos influenciados por um macropolo, mais a própria área de influência direta deste, deu-se o nome de *grande área de influência* do macropolo.

Evitou-se adotar os termos macrorregião e mesorregião porque eles subentendem contigüidade geográfica das áreas de influência. Ao se trabalhar com variáveis de fluxo, como se verá a seguir, nem sempre foi possível obter essa condição.

Com relação às microrregiões classificadas como pólos econômicos brasileiros, adotou-se a mesma hierarquia urbana proposta por Lemos *et al.* (2000). O conjunto total dos *pólos econômicos brasileiros* é formado, para efeito deste artigo, dos

mesmos 11 macropolos e 73 mesopolos do referido artigo e as demais microrregiões foram consideradas *micropólos*.

Considerações metodológicas: critério e modelo

Como já mencionado, o modelo gravitacional empregado por Lemos *et al.* (2000) pressupõe, em seu numerador, uma variável de fluxo econômico. Devido à ausência de indicadores de trocas econômicas entre microrregiões, os autores optaram por trabalhar com uma variável de estoque (rendimento da ocupação principal).

Os microdados dos Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000, entretanto, fornecem boas estatísticas de movimentos migratórios intermunicipais, e podem ser agregados de modo a indicar os movimentos populacionais ocorridos entre as microrregiões brasileiras em períodos determinados. Esses dados permitem, ainda, que esses movimentos possam ser ponderados e/ou controlados segundo diversas informações socioeconômicas – tais como idade, renda, escolaridade etc. – dos indivíduos recenseados.

Entre 1986 e 1991, as estimativas dos movimentos populacionais basearam-se no quesito de data fixa do Censo Demográfico de 1991, ou seja, referente ao local de residência do entrevistado exatamente cinco anos atrás, isto é, em 1º de setembro de 1986. Foram considerados imigrantes de uma determinada unidade geográfica todos aqueles que residiam fora dela em 1º de setembro de 1986 e nela residiam em 1º de setembro de 1991. Simetricamente, seus emigrantes são aqueles que nela residiam em 1º de setembro de 1986 e residiam em outra unidade geográfica em

⁷ Na impossibilidade de obtenção de dados sobre trocas de mercadorias entre as microrregiões geográficas brasileiras, Lemos *et al.* (2000) empregaram a massa de rendimentos do trabalho dos centros urbanos como *proxy* dessas trocas. Uma possibilidade de integração entre a polarização econômica e a populacional dar-se-ia pela substituição da variável rendimento pela variável *trocas migratórias*. Por outro lado, a variável migratória, por si só, é capaz de indicar o nível de influência – se não econômica, pelo menos populacional – entre duas regiões geográficas. Nesse sentido, os trabalhos de Garcia (2002) e de Brito, Garcia e Carvalho (2002) já demonstraram o forte potencial dos movimentos migratórios para delimitar as áreas geográficas de origem e destino dos migrantes metropolitanos de curto prazo, isto é, cujo período de referência é menor do que cinco anos.

1º de setembro de 1991. Trata-se de imigrantes e emigrantes cujo início do período de referência de seus movimentos migratórios é fixo. Isso faz com que a diferença entre imigrantes e emigrantes corresponda ao verdadeiro conceito de saldo migratório (Carvalho e Rigotti, 1998) e a soma deles, ao volume mais preciso das trocas migratórias entre duas localidades, durante o mesmo período de referência. Esse procedimento foi também empregado nas estimativas dos movimentos populacionais ocorridos entre 1995 e 2000, ou seja, estes foram estimados com base no quesito de data fixa do Censo de Demográfico de 2000.

Os dados do Censo de 1980 não permitem estimar o número de imigrantes e emigrantes de data fixa e, conseqüentemente, o volume dessas trocas. Entretanto, os microdados desse Censo permitem estimar o número de imigrantes e emigrantes de última etapa – que leva em consideração a localidade de residência anterior do migrante com menos de cinco anos de residência na localidade atual. Tais estimativas constituem-se em uma boa aproximação da migração de data fixa (Rigotti, 1999)⁸.

A mensuração direta dos movimentos migratórios acarreta alguns inconvenientes quando estes são estimados a partir dos censos demográficos. Os censos captam apenas informações sobre a localidade de origem dos migrantes residentes no país. Com isso, o volume total do fluxo migratório não pode ser mesurado, uma vez que não podem ser contabilizados os movimentos dos migrantes que faleceram, re-emigraram ou emigraram para fora do país durante o período de referência.

Cabe ressaltar ainda que, tendo em vista a homogeneidade de tratamento das

informações censitárias, adotou-se como padrão a configuração microrregional de 2000, que é igual à de 1991. Os microdados do Censo de 1980 foram trabalhados de modo a reproduzir as mesmas microrregiões de 2000, o que exigiu a compatibilização da malha digital das microrregiões brasileiras de 2000 segundo os municípios existentes em 1980⁹.

O índice de interação entre duas microrregiões

Para identificar as áreas de influência migratória dos pólos econômicos brasileiros, poder-se-ia empregar um modelo gravitacional composto de variáveis estritamente demográficas, tal como o representado pela Equação 1.

EQUAÇÃO 1
Índice de interação entre duas microrregiões no espaço: modelo demográfico

$$I_{g_{ij}} = \frac{P_i P_j}{d_{ij}^{\beta_{ij}}}$$

onde $I_{g_{ij}}$ representa o índice de interação gravitacional entre a região i a região j ; P_i e P_j representam as populações dessas regiões; d_{ij} é a distância entre elas e β_{ij} é o coeficiente de atrito de d_{ij} .

Dessa maneira, o índice de interação entre um pólo econômico e as demais microrregiões geográficas seria dado pela razão direta do volume de suas populações e pela razão inversa da distância entre eles, elevada a um coeficiente de atrito β , tal como o proposto por Isard (1975, p. 48-50).

Pode-se supor, contudo, que com tal método duas microrregiões, x e y , possam obter iguais índices de interação com um

⁸ Todos os migrantes de data fixa são também migrantes de última etapa do quinquênio. No entanto, alguns destes migrantes não são de data fixa em relação à área de estudo, como (a) os imigrantes de última etapa que no início do quinquênio residiam na localidade de residência atual (migrantes retornados plenos) e (b) os emigrantes de última etapa cuja localidade de residência no início do quinquênio (data fixa) era diferente daquela de residência imediatamente anterior (Carvalho e Garcia, 2002).

⁹ Em 1980, os municípios brasileiros conformavam apenas 548 das 558 microrregiões de 2000. Isso se deveu ao desmembramento de municípios que, ao se emanciparem, formaram nove novas microrregiões durante a década de 1980. Todas as nove microrregiões desmembradas, entretanto, estavam integralmente inseridas em apenas uma das 548 microrregiões existentes em 1980.

pólo j , apesar de serem diferentes as distâncias entre eles.

Esse fato se deve a diferenças nos coeficientes de atrito que atuam sobre as distâncias entre as áreas em questão. Se uma microrregião mais distante de um pólo econômico estabelece a mesma interação com esse pólo que outra menos distante, isso ocorre porque o coeficiente de atrito da distância entre o pólo e a microrregião mais afastada é menor do que aquele observado entre o pólo e a microrregião mais próxima.

Em suma, o índice de interação atua como *proxy* de fluxos – de pessoas, mercadorias etc. – entre os pólos econômicos e as demais microrregiões. Mas, uma vez que se dispõe de dados efetivos de fluxos entre essas localidades, eles já incorporam os efeitos diferenciados dos coeficientes de atrito das distâncias entre as diversas áreas.

Quando se utilizam dados de fluxo no cálculo dos índices de interação entre duas localidades, o efeito da variável distância é relativizado, pois a própria natureza desses dados já enseja uma gama enorme de fatores facilitadores ou dificultadores dos intercâmbios entre elas. Fatores esses que são representados, de forma sintética, pelos chamados coeficientes de atrito.

Isto posto, o índice de interação entre os pólos econômicos e as demais microrregiões, segundo um modelo estritamente migratório, foi calculado a partir de seus movimentos migratórios, conforme a Equação 2.

EQUAÇÃO 2
Índice de interação entre duas microrregiões no
espaço: modelo migratório

$$I_{g_{ij}} = VTM_{ij}$$

onde $I_{g_{ij}}$ representa o índice de interação entre a região i e a região j e VTM_{ij} representa o volume total de migrantes entre as regiões i e j , observados no final do período de referência.

A identificação das áreas de influência migratória dos pólos econômicos

Para a identificação das áreas de influência migratória das microrregiões reconhecidas como pólos econômicos brasileiros foi adotado o seguinte procedimento. Primeiramente, ratearam-se as demais microrregiões pelos mesmos 84 pólos econômicos, em função dos seus índices de interação econômica. Definiu-se como área de influência migratória de um pólo econômico as microrregiões que com ele apresentavam os maiores índices de interação, comparativamente aos mantidos com outros pólos econômicos. Feito isso, utilizou-se o mesmo critério para distribuir os 73 pólos econômicos secundários, os chamados mesopolos, pelos 11 pólos principais, os chamados macropolos. Dessa forma, as áreas de influência dos mesopolos puderam ser agregadas convenientemente, em função dos macropolos que os subordinavam, em grandes áreas de influência dos macropolos.

Cabe ressaltar, ainda, mais dois pontos. Primeiro: esse modelo, baseado em trocas migratórias, exatamente por relativizar os efeitos da variável distância, não é capaz de atender, por si só, a um dos principais critérios para a regionalização do espaço geográfico: a contigüidade geográfica. Segundo: embora o método seja muito eficiente para a identificação das áreas de influência dos pólos econômicos, como se verá mais adiante, esses achados, bem como as implicações derivadas de sua análise, limitam-se ao período de referência no qual essas trocas se efetivaram.

A evolução das áreas de influência migratória dos pólos econômicos brasileiros

A partir das informações do Censo Demográfico de 1980 referentes à migração de última etapa no quinquênio 1975-1980, e mediante os critérios utilizados para a definição das áreas de influência migratória dos pólos econômicos brasileiros, foram identificados os mesopolos influenciados por cada macropolo. A relação resultante é apresentada no Quadro 1.

QUADRO 1
Relação dos mesopolos de influência migratória dos macropolos brasileiros: 1975-1980

| Macropolos | Mesopolos | Macropolos | Mesopolos |
|-----------------------------|---|-----------------------------|--|
| Grandes áreas de Influência | Áreas de Influência | Grandes áreas de Influência | Áreas de Influência |
| Belém | Altamira Belém Macapá Marabá | Recife | Recife |
| | | Rio de Janeiro | Campina Grande Campos dos Goytacazes João Pessoa Juiz de Fora Natal Rio de Janeiro São Luís Vitória Volta Redonda |
| Belo Horizonte | Belo Horizonte Divinópolis Governador Valadares Ipatinga Montes Claros Teófilo Otoni | Salvador | Salvador |
| Brasília | Araguaína Barreiras Brasília Caxias Goiânia Imperatriz Santa Luzia Sudoeste de Goiás Teresina | São Paulo | Aracaju Araçatuba Arapiraca Bauru Campinas Campo Grande Caruaru Cuiabá Dourados Ilhéus Itajubá Itapetininga Ji-Paraná Juazeiro Juazeiro do Norte Londrina Maceió Marília Maringá Presidente Prudente Ribeirão Preto Rondonópolis São José do Rio Preto São José dos Campos São Paulo Sorocaba Texeira de Freitas Uberlândia Varginha Vitória da Conquista |
| | | | Curitiba |
| Fortaleza | Fortaleza Iguatu Mossoró Sobral | | |
| Manaus | Boa Vista Manaus Porto Velho Rio Branco Santarém | | |
| Porto Alegre | Caxias do Sul Chapecó Passo Fundo Pelotas Porto Alegre Santa Maria Tubarão Uruguaiana | | |

Fonte: Elaboração própria.

A relação dos macropolos e seus respectivos mesopolos de influência migratória que sofreram alterações entre 1980 e 1991 é mostrada no Quadro 2. Chama a atenção o fato de que, do total de 73 áreas de influência polarizáveis, o macropolo de São Paulo, em 1991, continuou influenciando o mesmo número de pólos econômicos que em 1980, ou seja, 30 mesopolos e suas respectivas áreas de influência. Porém, o número de microrregiões cuja influência migratória se impôs caiu de 199, em 1980, para 194 em 1991. Embora

sua grande área de influência tenha se alterado ligeiramente em 1991, e o número de seus mesopolos tenha permanecido o mesmo daquele de 1980, o macropolo de São Paulo perdeu para o macropolo de Salvador a área de influência de Aracaju e, para o macropolo de Manaus, a área de influência de Ji-Paraná. A compensação veio com a incorporação da área de influência de Iguatu, que em 1980 pertencia ao macropolo de Fortaleza, e da área de influência de Teresina, que era, então, área de influência do macropolo de Brasília.

QUADRO 2
Relação dos mesopolos das áreas de influência mutantes entre 1980 e 1991

| Mesopolos Mutantes | Macropolo de Influência Modelo Demográfico | |
|--------------------|--|--------------|
| | 1980 | 1991 |
| Ji - Paraná | São Paulo | Manaus |
| Santa Luzia | Brasília | Belém |
| Teresina | Brasília | São Paulo |
| Iguatu | Fortaleza | São Paulo |
| Aracaju | São Paulo | Salvador |
| Florianópolis | Curitiba | Porto Alegre |

Fonte: Elaboração própria.

QUADRO 3
Relação dos mesopolos das áreas de influência mutantes entre 1991 e 2000

| Mesopolos Mutantes | Macropolo de Influência Modelo Demográfico | |
|---------------------|--|----------------|
| | 1991 | 2000 |
| Santa Luzia | Belém | Brasília |
| Caruaru | São Paulo | Recife |
| Teixeira de Freitas | São Paulo | Belo Horizonte |
| Maringá | São Paulo | Curitiba |

Fonte: Elaboração própria.

Entre 1991 e 2000, apenas dois macropolos tiveram o número de seus mesopolos de influência diminuído, tal como mostra o Quadro 3. O macropolo de São Paulo foi o grande doador de mesopolos para outros macropolos, doando um total de três mesopolos. O macropolo de Belém é o outro que também cedeu, segundo o modelo, um mesopolo no período em questão. Com isso, o número de mesopolos influenciados por São Paulo caiu de 30, em 1991, para 27 em 2000.

A configuração espacial das grandes áreas de influência dos macropolos econômicos: 1980, 1991 e 2000

Das 548 microrregiões existentes em 1980, o macropolo de São Paulo polarizava, direta ou indiretamente, 30 mesopolos regionais e, por conseguinte, suas respectivas microrregiões de influência. Chama a atenção, no Mapa 1¹⁰, que dessas 30 áreas de influência, apenas 11 (36%) de seus mesopolos localizavam-se no interior do

Estado de São Paulo; 9 (30%) situavam-se no Nordeste (Aracaju, Arapiraca, Caruaru, Ilhéus, Juazeiro, Juazeiro do Norte, Maceió, Teixeira de Freitas, Vitória da Conquista) e os demais formavam uma grande área que se estendia desde o litoral do Estado de São Paulo, passando pelo norte do Estado do Paraná (Londrina e Maringá), por quase todo o Estado do Mato Grosso do Sul (Dourados e Campo Grande) e parte dos estados do Mato Grosso (Rondonópolis e Cuiabá) e de Rondônia (Ji-Paraná); já o Estado de Minas Gerais contribuía com três áreas de influência (Varginha, Pouso Alegre e Uberlândia).

Por outro lado, o macropolo do Rio de Janeiro influenciava, direta ou indiretamente, 75 outras microrregiões, dispostas em nove áreas de influência. Em relação aos mesopolos dessas áreas de influência, apenas três (33%) localizavam-se no interior do próprio Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Volta Redonda e Campos dos Goytacazes); quatro (44%) localizavam-se no Nordeste (Campina Grande, João Pessoa,

¹⁰ O tamanho dos elementos que indicam a sede dos macropolos está relacionado com o seu potencial de influência. Daí serem maiores os de São Paulo e do Rio de Janeiro, relativamente aos demais.

Natal e São Luiz), um (11%), em Minas Gerais (Juiz de Fora) e outro no Espírito Santo (Vitória).

O macropolo de Brasília, por sua vez, influenciava 63 microrregiões, dispostas, tal como o macropolo do Rio de Janeiro, em nove áreas de influência (Mapa 1). Dos nove mesopolos, três (33%) localizavam-se no Estado do Maranhão (São Luiz, Caxias e Imperatriz); um (11%) no Piauí (Teresina); um (11%) no atual Estado do Tocantins (Araguaína) e outro no Estado da Bahia (Barreiras). No interior do Estado de Goiás situavam-se as demais sedes das áreas de influência que compunham a grande área de influência do macropolo (Brasília, Goiânia e sudoeste de Goiás).

Em relação ao macropolo de Curitiba, o Mapa 1 indica que ele influenciava, direta ou indiretamente, 44 microrregiões, dispostas em sete áreas de influência, cujos mesopolos estavam todos situados ou no interior do Estado do Paraná (Cascavel, Curitiba e Guarapuava), ou no interior do Estado de Santa Catarina (Blumenau, Florianópolis, Joinville e Lages). Chama a atenção, ainda, as microrregiões influenciadas pelo macropolo de Curitiba, situadas no norte do Estado do Mato Grosso e no sudeste do Estado de Rondônia. Essas microrregiões, tal como será ilustrado no Mapa 4, pertenciam à área de influência migratória do mesopolo de Cascavel.

No que tange ao macropolo de Porto Alegre, verifica-se algo semelhante ao observado com respeito ao macropolo de Curitiba. Dos mesopolos das oito áreas que compunham a grande área de influência de Curitiba, dois situavam-se no interior do Estado de Santa Catarina (Chapecó e Tubarão) e os restantes, no interior do próprio Estado do Rio Grande do Sul (Caxias do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria e Uruguaiana). A grande área de influência desse macropolo era composta por um total de 42 microrregiões.

A grande área de influência migratória da microrregião de Belo Horizonte limitava-se às áreas de influência localizadas em seu entorno (Belo Horizonte, Divinópolis, Governador Valadares, Ipatinga, Montes Claros, Teófilo Otoni), agregando um total

de 36 microrregiões (Mapa 1). É interessante notar que a grande área influenciada por Belo Horizonte localizava-se no meio do corredor que ligava o macropolo de São Paulo às suas áreas de influência situadas ao longo do Nordeste brasileiro.

A análise do Mapa 1 revela, ainda, que o macropolo de Fortaleza influenciava uma área composta por 30 microrregiões, dispostas em quatro áreas de influência cujos mesopolos localizavam-se no entorno do macropolo (Fortaleza, Igatu e Sobral) e ao norte do Estado do Rio Grande do Norte (Mossoró).

A grande área de influência migratória do macropolo de Manaus era composta por 24 microrregiões (Mapa 1), dispostas em cinco áreas de influência cujos mesopolos estavam situados em quatro estados diferentes: Amazonas (Manaus), Roraima (Boa Vista), Rondônia (Porto Velho), Pará (Santarém) e Acre (Rio Branco).

O macropolo de Belém apresentava uma grande área de influência composta por 19 microrregiões, dispostas em quatro áreas, sendo que três de seus mesopolos situavam-se no Estado do Pará (Altamira, Belém e Marabá) e um no Estado do Amapá (Macapá), como pode ser observado no Mapa 1.

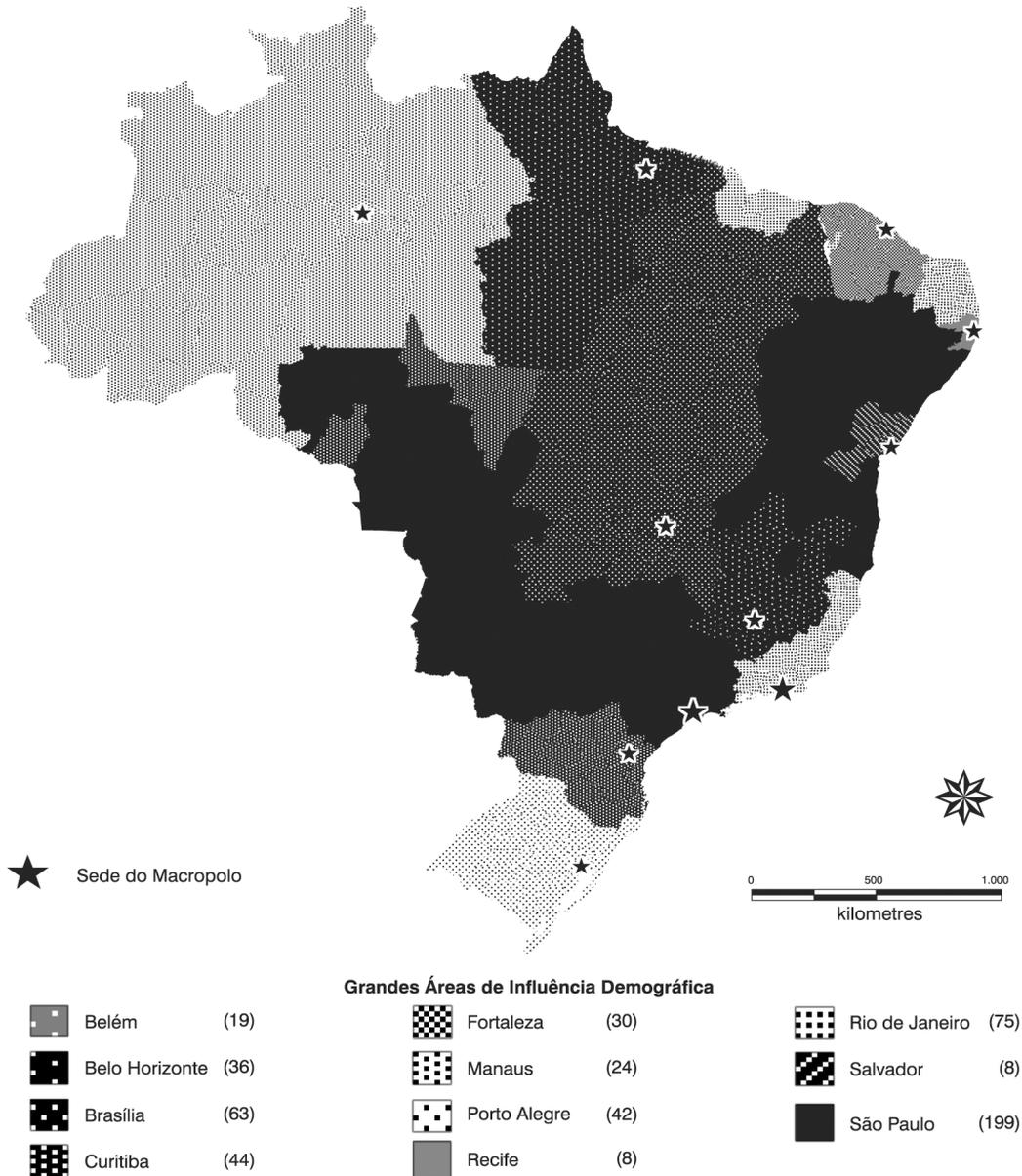
Por fim, os macropolos de Salvador e do Recife influenciavam apenas a sua área de influência direta. Não subordinavam, portanto, nenhum outro mesopolo.

Em 1991, das 73 áreas de influência polarizáveis, o macropolo de São Paulo continuou influenciando o mesmo número de pólos econômicos que em 1980, ou seja, 30 mesopolos e suas respectivas áreas de influência. Porém, o número de microrregiões cuja influência migratória se impôs caiu de 199, em 1980, para 194 em 1991. Embora sua grande área de influência tenha se alterado ligeiramente em 1991 e o número de seus mesopolos tenha permanecido o mesmo daquele de 1980, o macropolo perdeu para o macropolo de Salvador a área de influência de Aracaju e, para o macropolo de Manaus, a área de influência de Ji-Paraná; a compensação veio com a incorporação da área de influência de Igatu, que em 1980 pertencia ao macropolo de

Fortaleza, e da área de influência de Teresina, que em 1980 era área de influência do macropolo de Brasília, tal como pode ser observado no Mapa 2.

Em relação à grande área de influência migratória de Brasília, verifica-se que em 1991 o macropolo perdeu as áreas de influência de Santa Luzia para o macropolo

MAPA 1
Brasil: 1980. Grandes áreas de influência migratória dos macropolos, segundo os movimentos migratórios microrregionais, 1975-1980*

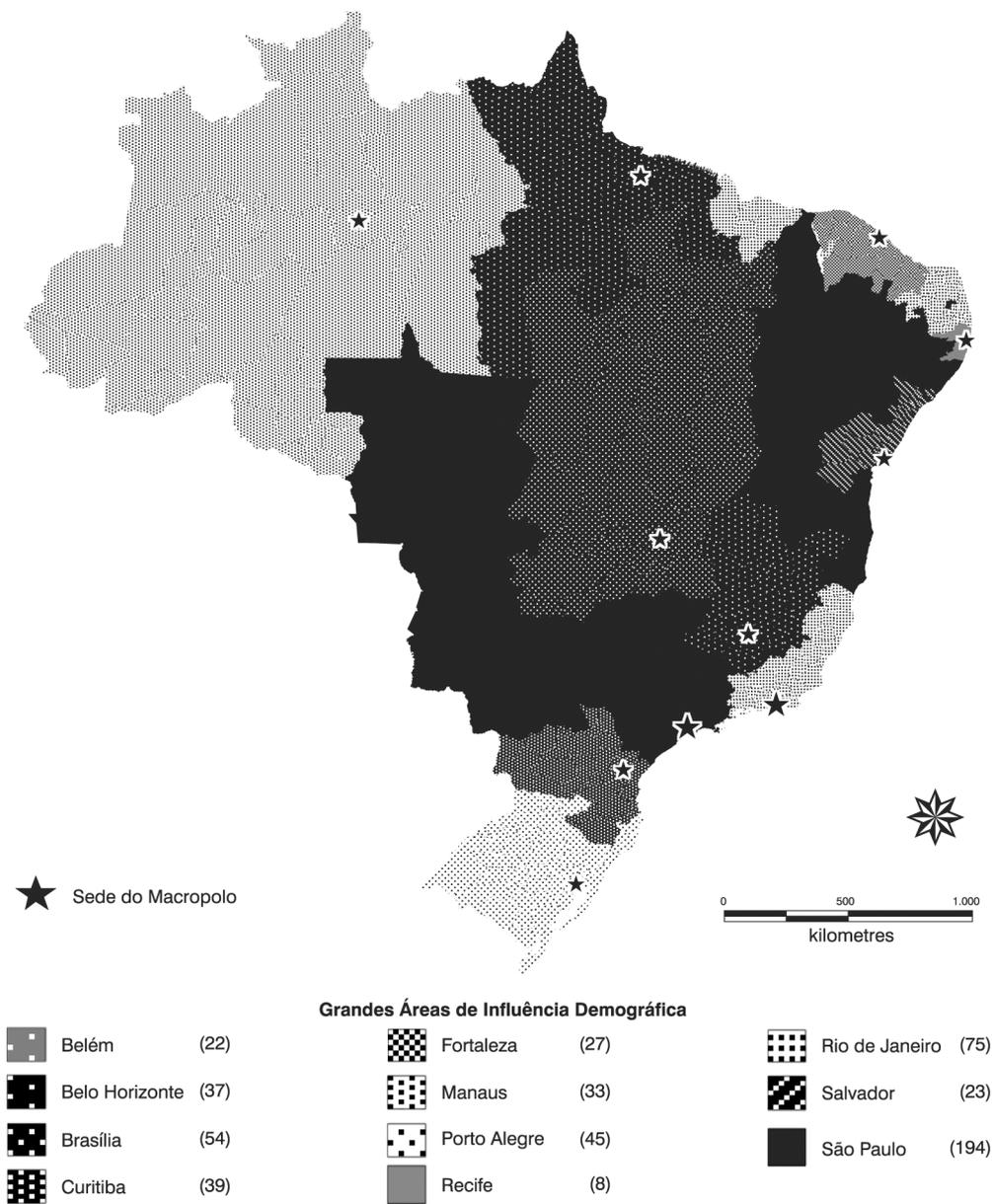


* Os números entre parênteses correspondem ao número de microrregiões polarizadas pelos macropolos.
Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1980 (microdados).

de Belém e, como já mencionado, a área de influência de Teresina para o macropolo de São Paulo (Mapa 2).

Já as grandes áreas de influência dos macropolos de Curitiba e Porto Alegre, no tocante aos seus mesopolos de influência,

MAPA 2
Brasil: 1991. Grandes áreas de influência migratória dos macropolos, segundo os movimentos migratórios microrregionais, 1986-1991*

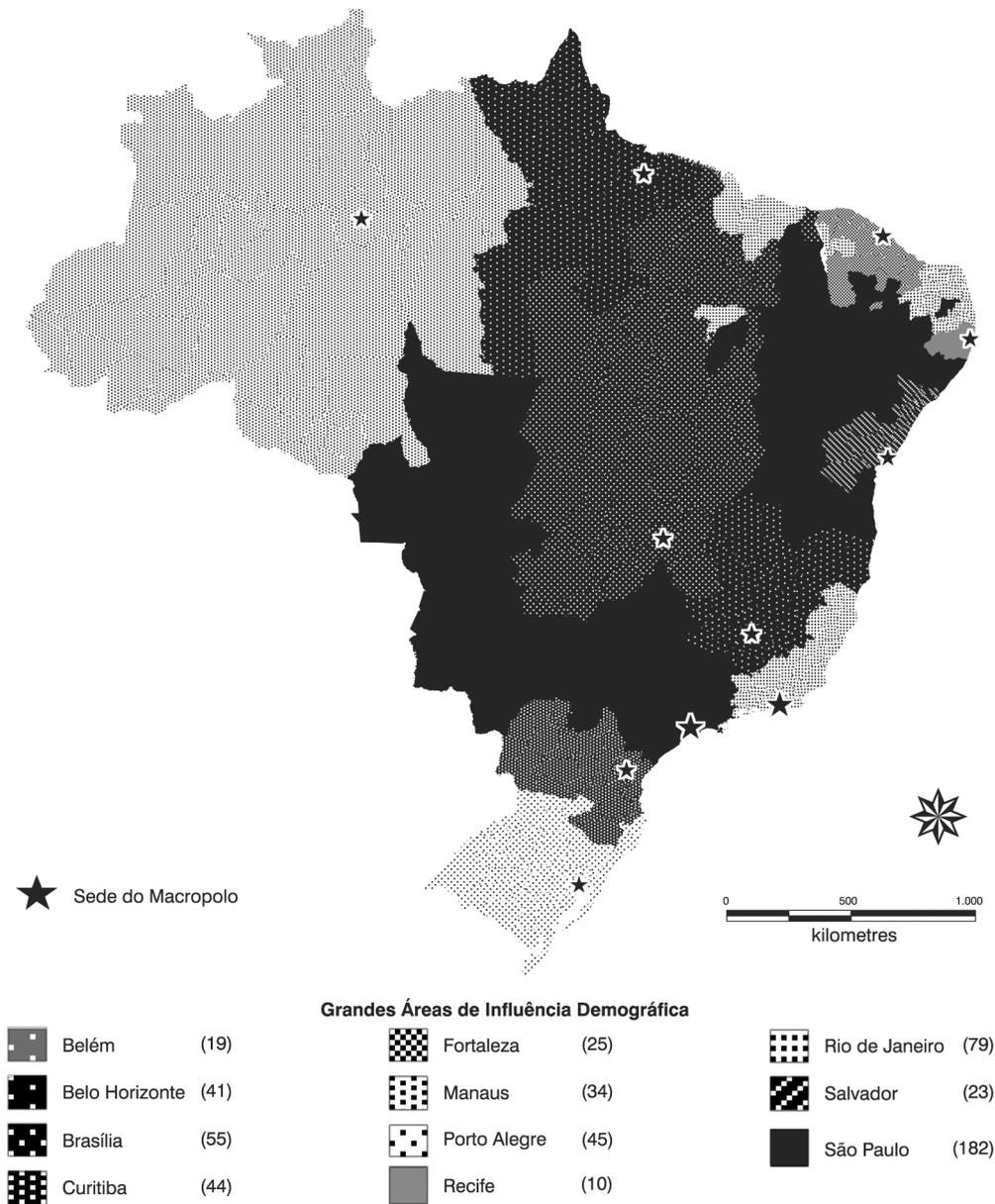


* Os números entre parênteses correspondem ao número de microrregiões polarizadas pelos macropolos.
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991 (microdados).

permaneceram praticamente inalteradas no período 1980-1991, a não ser por dois aspectos: o primeiro foi a transferência da área

de influência de Florianópolis da grande área de influência de Curitiba para a grande área de influência de Porto Alegre. A segunda foi

MAPA 3
Brasil: 2000. Grandes áreas de influência migratória dos macropolos, segundo os movimentos migratórios microrregionais, 1995-2000*



* Os números entre parênteses correspondem ao número de microrregiões polarizadas pelos macropolos.
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (microdados).

a perda, por parte do macropolo de Curitiba, das microrregiões situadas ao norte do Estado do Mato Grosso e à sudeste do Estado de Rondônia para o macropolo de São Paulo.

Percebe-se, no Mapa 2, que os macropolos de Manaus e Belém incorporaram nesse período, respectivamente, as áreas de Ji-Paraná, proveniente da grande área de influência de São Paulo, e Santa Luzia, proveniente da grande área de influência de Brasília. O macropolo de Salvador, que em 1980 não influenciava nenhum mesopolo econômico, incorporou, no quinquênio 1986-1991, a área de influência de Aracaju, que antes pertencia à grande área de influência de São Paulo.

Por outro lado, o macropolo de Fortaleza perdeu, em 1991, a área de influência migratória de Iguatu para a grande área do macropolo de São Paulo (Mapa 2). Os macropolos de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Recife permaneceram praticamente inalterados em relação aos seus respectivos mesopolos e, conseqüentemente, à configuração geográfica de suas grandes áreas de influência migratória.

Grosso modo, uma grande consistência pôde ser observada em relação às grandes áreas de influência dos 11 macropolos econômicos brasileiros, em função das trocas migratórias verificadas nos quinquênios 1975-1980 e 1986-1991. O número total de áreas influenciadas pelo macropolo de São Paulo, entretanto, caiu ainda mais, tal como se pode observar no Mapa 3. Este macropolo influenciava um total de 194 microrregiões em 1991 (Mapa 2). Em 2000, esse número cai para 182 microrregiões, ou seja, uma diminuição de apenas 6,2%.

Nítida é a queda na influência migratória de longa distância do macropolo de São Paulo, uma vez que este perde três mesopolos, com suas respectivas áreas de influência, para outros macropolos que se encontravam mais próximos dos mesopolos cedidos. Mesmo ocorrendo modificações visíveis nos contornos geográficos das áreas de influência dos macropolos brasileiros, a análise do Mapa 3 revela que não houve alteração de suas posições relativas em função do número de microrregiões por eles influenciados.

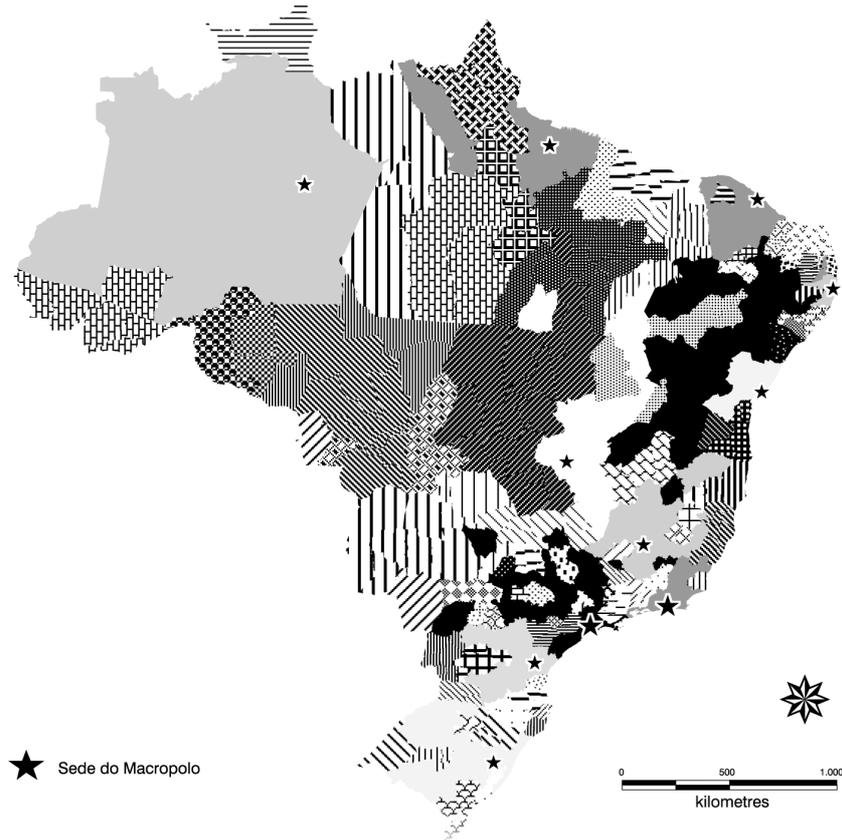
A configuração espacial das áreas de influência direta dos pólos econômicos: 1980, 1991 e 2000

O macropolo que mais influenciava, de forma direta, em função de seus volumes migratórios entre 1975 e 1980, era o macropolo de São Paulo (15% das 548 microrregiões), seguido pelo macropolo de Belo Horizonte (5%), de Porto Alegre (4%), do Rio de Janeiro (4%) e de Fortaleza (4%), como está ilustrado no Mapa 4. Observa-se também uma diferença significativa entre os pólos econômicos no que tange à capacidade de influência além de seu entorno geográfico contíguo imediato. Em relação aos macropolos, os únicos capazes de estabelecer uma influência migratória no território nacional são os de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, principalmente sobre as microrregiões nordestinas. Belo Horizonte e Belém, por sua vez, restringem sua influência não contígua aos seus entornos regionais, enquanto os demais macropolos restringem suas influências às microrregiões de seus entornos contíguos. Em relação aos mesopolos, possuem capacidades de polarização migratória muito diferenciadas. Apenas seis influenciam dez ou mais microrregiões, dentre os quais quatro são capitais estaduais e os dois outros, Cascavel e Marabá, são, respectivamente, áreas dinâmicas de expansão da fronteira agrícola e mineral dos anos 70-80.

Também houve uma grande consistência em relação às áreas de influência direta dos 11 macropolos econômicos brasileiros, em função das trocas migratórias verificadas nos quinquênios 1975-1980 e 1986-1991, e o mesmo pode ser dito em relação às áreas de influência de seus mesopolos, tal como ilustram os Mapas 4 e 5. Exceção seja feita ao mesopolo de Cascavel, que, segundo os dados do Censo Demográfico de 1991, perde suas áreas de influência situadas ao norte do Estado do Mato Grosso para o mesopolo de Cuiabá, e as situadas à sudeste do Estado de Rondônia para o mesopolo de Porto Velho.

Embora tenha ganhado, entre 1991 e 2000, apenas três microrregiões, chama a atenção o crescimento da área de influência

MAPA 4
Brasil: 1980. Áreas de influência migratória dos mesos e macropolos, segundo os movimentos migratórios microrregionais, 1975-1980*

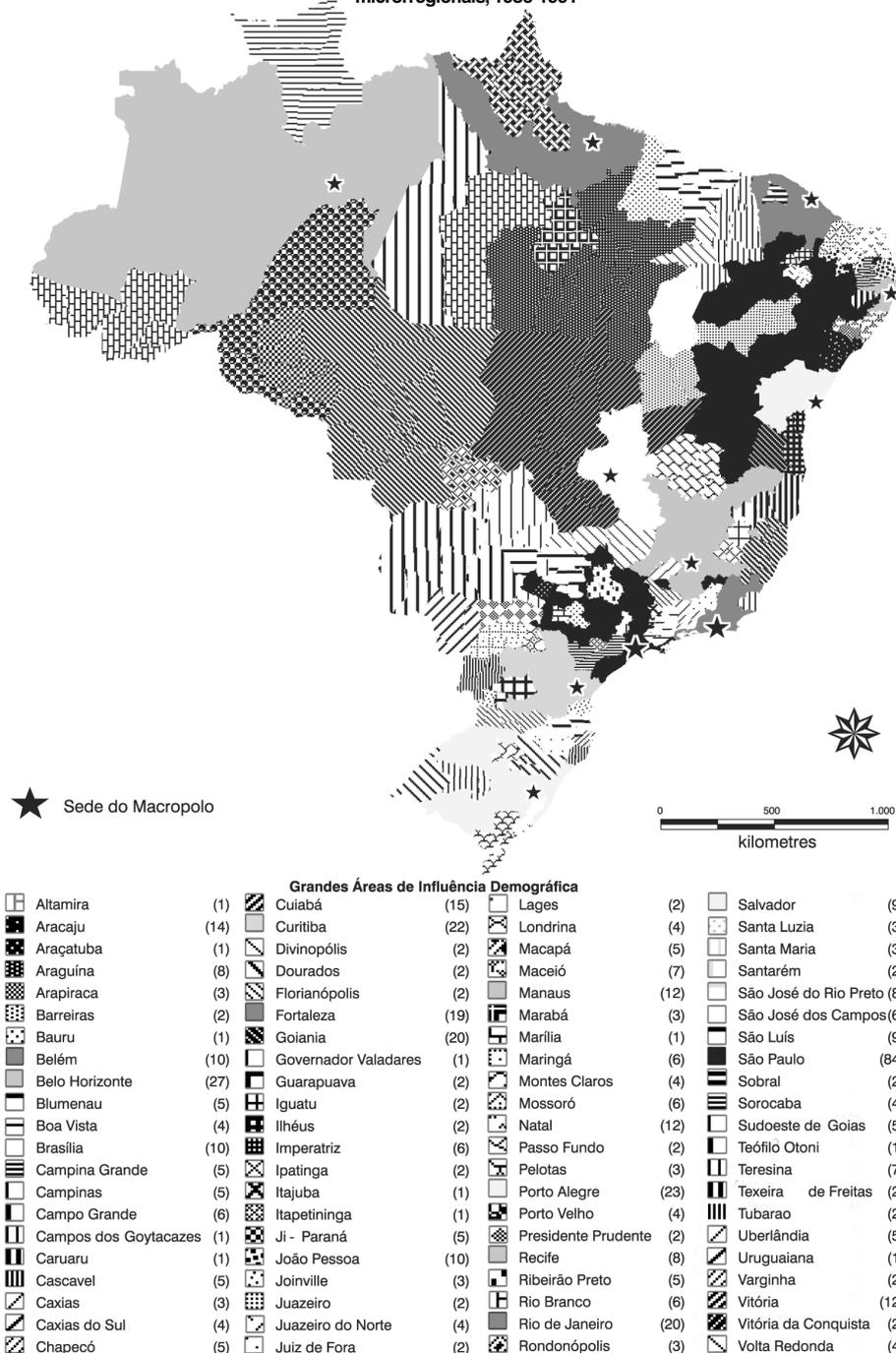


Grandes Áreas de Influência Demográfica

| | | | |
|---------------------------|--------------------------|-------------------------|---------------------------|
| Altamira (2) | Cuiabá (9) | Lages (2) | Salvador (8) |
| Araçaju (12) | Curitiba (19) | Londrina (4) | Santa Luzia (3) |
| Araçatuba (2) | Divinópolis (2) | Macapá (5) | Santa Maria (2) |
| Araguina (4) | Dourados (3) | Maceió (7) | Santarém (3) |
| Arapiraca (4) | Florianópolis (2) | Manaus (12) | São José do Rio Preto (4) |
| Barreiras (1) | Fortaleza (20) | Marabá (3) | São José dos Campos (6) |
| Bauru (2) | Goiania (22) | Marília (1) | São Luís (8) |
| Belém (9) | Governador Valadares (1) | Maringá (3) | São Paulo (87) |
| Belo Horizonte (26) | Guarapuava (4) | Montes Claros (4) | Sobral (2) |
| Blumenau (5) | Iguatu (2) | Mossoró (6) | Sorocaba (4) |
| Boa Vista (1) | Ilhéus (3) | Natal (13) | Sudoeste de Goiás (3) |
| Brasília (14) | Imperatriz (6) | Passo Fundo (2) | Teófilo Otoni (1) |
| Campina Grande (5) | Ipatinga (2) | Pelotas (3) | Teresina (7) |
| Campinas (7) | Itajuba (1) | Porto Alegre (24) | Texeira de Freitas (2) |
| Campo Grande (6) | Itapetininga (1) | Porto Velho (2) | Tubarao (2) |
| Campos dos Goytacazes (1) | Ji - Paraná (3) | Presidente Prudente (2) | Uberlândia (6) |
| Caruaru (1) | João Pessoa (8) | Recife (8) | Uruguaiana (1) |
| Cascavel (10) | Joinville (2) | Ribeirão Preto (4) | Varginha (2) |
| Caxias (3) | Juazeiro (3) | Rio Branco (6) | Vitória (11) |
| Caxias do Sul (4) | Juazeiro do Norte (5) | Rio de Janeiro (23) | Vitória da Conquista (1) |
| Chapecó (4) | Juiz de Fora (2) | Rondonópolis (4) | Volta Redonda (4) |

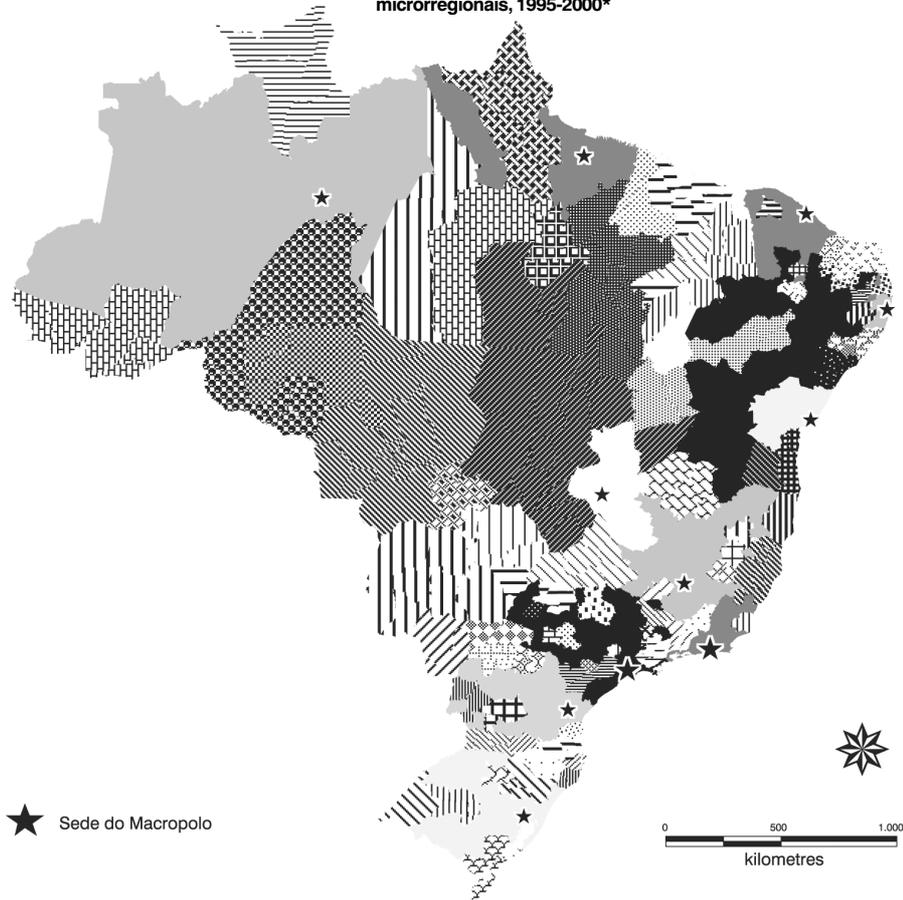
* Os números entre parênteses correspondem ao número de microrregiões polarizadas pelos mesopolos.
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1980 (microdados).

MAPA 5
Brasil: 1991. Áreas de influência migratória dos mesos e macropolos, segundo os movimentos migratórios microrregionais, 1986-1991*



* Os números entre parênteses correspondem ao número de microrregiões polarizadas pelos mesopolos.
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991 (microdados).

MAPA 6
Brasil: 2000. Áreas de influência migratória dos mesos e macropolos, segundo os movimentos migratórios microrregionais, 1995-2000*



★ Sede do Macropolo

0 500 1.000
 quilômetros

Grandes Áreas de Influência Demográfica

| | | | |
|---------------------------|--------------------------|-------------------------|---------------------------|
| Altamira (1) | Cuiabá (14) | Lages (2) | Salvador (9) |
| Araçatuba (1) | Curitiba (25) | Londrina (5) | Santa Luzia (3) |
| Araguina (4) | Divinópolis (2) | Macapá (6) | Santa Maria (3) |
| Arapiraca (2) | Dourados (2) | Maceió (8) | Santarém (2) |
| Barreiras (2) | Florianópolis (3) | Manaus (12) | São José do Rio Preto (6) |
| Bauru (1) | Fortaleza (19) | Marabá (3) | São José dos Campos (5) |
| Belém (9) | Goiania (23) | Marília (1) | São Luís (10) |
| Belo Horizonte (30) | Governador Valadares (1) | Maringá (5) | São Paulo (87) |
| Blumenau (5) | Guarapuava (2) | Montes Claros (4) | Sobral (2) |
| Boa Vista (4) | Iguatu (1) | Mossoró (4) | Sorocaba (4) |
| Brasília (10) | Ilhéus (2) | Natal (13) | Sudoeste de Goiás (4) |
| Campina Grande (3) | Imperatriz (5) | Passo Fundo (2) | Teófilo Otoni (1) |
| Campinas (1) | Ipatinga (2) | Pelotas (3) | Teresina (7) |
| Campo Grande (6) | Itajuba (1) | Porto Alegre (23) | Texeira de Freitas (1) |
| Campos dos Goytacazes (1) | Itapetininga (1) | Porto Velho (6) | Tubarao (2) |
| Caruaru (3) | Ji - Paraná (4) | Presidente Prudente (2) | Uberlândia (7) |
| Cascavel (3) | João Pessoa (10) | Recife (7) | Uruguaiana (1) |
| Caxias (4) | Joinville (2) | Ribeirão Preto (5) | Varginha (2) |
| Caxias do Sul (4) | Juazeiro (2) | Rio Branco (6) | Vitória (12) |
| Chapecó (4) | Juazeiro do Norte (4) | Rio de Janeiro (24) | Vitória da Conquista (2) |
| | Juiz de Fora (2) | Rondonópolis (3) | Volta Redonda (4) |

* Os números entre parênteses correspondem ao número de microrregiões polarizadas pelos mesopolos.
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (microdados).

direta do mesopolo de Goiânia (Mapa 6). Os macropolos do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte também tiveram suas áreas de influência direta ampliadas, o primeiro em quatro e os três últimos em três microrregiões cada um. Os demais mesopolos permaneceram praticamente constantes.

Tais resultados revelam que, mesmo havendo certo aumento da competição sobre a influência migratória nos níveis macro e mesorregional, tal fato não é verificado em escalas inferiores, pois são os pólos mais desenvolvidos economicamente que apresentam o maior poder de influência migratória sobre as demais microrregiões, ao longo das três últimas décadas.

Deslocamentos populacionais e pólos econômicos

Os resultados do modelo confirmam importantes aspectos, já evidenciados pela literatura, da dinâmica populacional no território nacional (Brito, 1997). Especificamente, atestam que existe uma forte interação entre os deslocamentos populacionais e a conformação recente dos pólos econômicos.

Nas Tabelas 1 e 2 observa-se que o poder de interação migratório dos 11 macropolos apresenta mudanças significativas ao longo dos últimos 30 anos, entre as décadas de 1970 e 1990. A primeira refere-se à perda do poder relativo de interação do macropolo de São Paulo. Ao longo do

período, sua área de influência migratória cai de 199 microrregiões, em 1980, para 182 em 2000, refletindo a redução do volume de seus migrantes quinquenais de 1,98 milhões para 1,67 milhões, o que estabelece uma tendência decrescente da relação entre o volume total de migrantes (VTM) e a população residente do macropolo. O fator-chave para explicar esta tendência decrescente é a perda relativa do poder de atração de população imigrante pelo macropolo paulista, presente a partir dos anos 70 e que vai se manifestar de forma definitiva nos anos 90. Como mostra a Tabela 1, ocorre uma inflexão no saldo migratório no período. Pela primeira vez ao longo do processo de expansão urbano-industrial do país o macropolo de São Paulo vai experimentar perda migratória, com um saldo negativo de mais de 500 mil pessoas.

No caso do macropolo do Rio de Janeiro, tal inflexão já ocorrera na década anterior, indicando que o movimento histórico de perda de seu poder de atração populacional vai se refletir tanto na estabilidade, a partir da década de 1970, de sua área geográfica de influência migratória, já muito reduzida à época *vis-à-vis* São Paulo, como em saldos migratórios negativos a partir dos anos 80.

Em contraste com o enfraquecimento relativo do pólo econômico carioca, o pólo de Belo Horizonte vai ampliar sua área de influência migratória, mesmo que restrita a microrregiões do próprio Estado de Minas

TABELA 1
Macropolos econômicos brasileiros: 1980, 1991 e 2000. Saldos e volume total de migrantes e seus percentuais em relação à população residente – 1975-1980, 1986-1991 e 1995-2000

| Macropolos Econômicos | Volume Total de Migrantes (VTM) | | | Saldo Migratório (SM) | | |
|-----------------------|---------------------------------|-------------------|-------------------|-----------------------|-----------|-----------|
| | 1975/1980 | 1986/1991 | 1995/2000 | 1975/1980 | 1986/1991 | 1995/2000 |
| Manaus | 83.484 | 108.933 | 162.384 | 24.140 | 32.323 | 44.996 |
| Belém | 156.818 | 175.245 | 197.403 | 39.760 | 31.217 | 8.835 |
| Fortaleza | 294.291 | 270.384 | 253.399 | 129.661 | 77.528 | 35.421 |
| Recife | 310.180 | 246.415 | 224.079 | 16.014 | 7.875 | - 11.405 |
| Salvador | 246.391 | 252.347 | 274.627 | 74.091 | 41.025 | 21.463 |
| Belo Horizonte | 460.180 | 350.723 | 372.746 | 217.702 | 96.829 | 96.194 |
| Rio de Janeiro | 689.971 | 534.904 | 586.048 | 70.095 | - 102.898 | - 31.852 |
| São Paulo | 1.978.574 | 1.579.627 | 1.670.126 | 91.226 | - 356.381 | - 531.488 |
| Curitiba | 340.259 | 276.255 | 335.044 | 137.337 | 104.427 | 114.068 |
| Porto Alegre | 369.549 | 309.083 | 300.779 | 171.821 | 76.553 | 30.691 |
| Brasília | 384.712 | 326.930 | 334.924 | 152.286 | 39.588 | 67.968 |
| Brasil | 23.660.668 | 20.497.679 | 20.821.071 | | | |

(continua)

(continuação)

| Macropolos Econômicos | VMT/População Residente (%) | | | SM/População Residente (%) | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------|--------------|----------------------------|-----------|-----------|
| | 1975/1980 | 1986/1991 | 1995/2000 | 1975/1980 | 1986/1991 | 1995/2000 |
| Manaus | 11,20 | 9,35 | 10,19 | 3,24 | 2,77 | 2,82 |
| Belém | 15,06 | 12,11 | 10,62 | 3,82 | 2,16 | 0,48 |
| Fortaleza | 18,63 | 11,72 | 8,88 | 8,21 | 3,36 | 1,24 |
| Recife | 14,35 | 9,34 | 7,49 | 0,74 | 0,30 | -0,38 |
| Salvador | 13,95 | 10,11 | 9,09 | 4,19 | 1,64 | 0,71 |
| Belo Horizonte | 17,63 | 10,21 | 8,75 | 8,34 | 2,82 | 2,26 |
| Rio de Janeiro | 7,99 | 5,54 | 5,49 | 0,81 | -1,07 | -0,30 |
| São Paulo | 19,50 | 13,51 | 13,06 | 0,90 | -3,05 | -4,16 |
| Curitiba | 23,62 | 13,81 | 12,58 | 9,53 | 5,22 | 4,28 |
| Porto Alegre | 16,56 | 10,46 | 8,78 | 7,70 | 2,59 | 0,90 |
| Brasília | 32,69 | 20,42 | 16,33 | 12,94 | 2,47 | 3,31 |
| Brasil | 19,88 | 13,96 | 12,26 | | | |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000 (microdados).

TABELA 2
Macropolos econômicos brasileiros: 1980, 1991 e 2000. Número de microrregiões de influência (direta e indireta)

| Macropolos Econômicos | Microrregiões de Influência (n) | | | Diferença | |
|--------------------------|---------------------------------|------------|------------|-----------|-----------|
| | 1980 | 1991 | 2000 | 1980/1991 | 1991/2000 |
| Belém | 19 | 22 | 19 | 3 | - 3 |
| Belo Horizonte | 36 | 37 | 41 | 1 | 4 |
| Brasília | 63 | 54 | 55 | - 9 | 1 |
| Curitiba | 44 | 39 | 44 | - 5 | 5 |
| Fortaleza | 30 | 27 | 25 | - 3 | - 2 |
| Manaus | 24 | 33 | 34 | 9 | 1 |
| Porto Alegre | 42 | 45 | 45 | 3 | |
| Recife | 8 | 8 | 10 | | 2 |
| Rio de Janeiro | 75 | 75 | 79 | | 4 |
| Salvador | 8 | 23 | 23 | 15 | |
| São Paulo | 199 | 194 | 182 | - 5 | - 12 |
| Total | 548 | 557 | 557 | | |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000 (microdados).

Gerais. Tradicional reservatório de população excedente potencialmente migrante ao longo do processo de industrialização de São Paulo, a economia mineira experimenta um surto industrializante a partir do final dos anos 60, liderado pelo macropolo de Belo Horizonte (Diniz, 1993). Desta forma, a capital mineira não apenas amplia, nestes últimos 30 anos, a sua área de influência migratória sobre o território estadual, historicamente dividido com São Paulo, Rio de Janeiro e as frentes de expansão da fronteira agrícola nacional, mas também intensifica sua capacidade de atração migratória. Mesmo seguindo a tendência nacional de arrefecimento do fluxo migratório durante as décadas de 1980 e 1990, o pólo de Belo Horizonte ainda mantém, neste período, saldos positivos significativos, especialmente na última década.

Em que pesem as características bem distintas de seu processo histórico de ocu-

pação, o macropolo de Curitiba apresenta, no período 1970-2000, um padrão de influência migratória semelhante ao de Belo Horizonte. No entanto, seu maior dinamismo migratório está evidenciado tanto nas maiores taxas do volume total de migrantes e do saldo migratório líquido, como na capacidade de estender sua influência migratória para além da fronteira estadual, mesmo que, principalmente, na forma de emigrantes egressos de grande contingente de pequenos agricultores e trabalhadores agrícolas, atraídos pelo processo de ocupação agrícola da região Centro-Oeste. O macropolo de Porto Alegre, por outro lado, perde claramente seu dinamismo na atração de migrantes a partir da década de 1980.

Como era de se esperar, o macropolo de Brasília apresenta as maiores taxas de volume total de migrantes e saldo migratório líquido, mesmo que decrescentes ao longo destes 30 anos. Paradoxalmente, é o

macropolo que mais perde área de influência migratória no período, especialmente para os macropolos de Belém e Belo Horizonte, o que pode evidenciar os limites de seu poder de atração migratória como capital federal, restrito a uma economia de serviços como metrópole urbano-administrativa nacional.

No que tange aos três macropolos nordestinos, observa-se que o macropolo de Fortaleza apresenta maior dinamismo migratório durante todo o período, mas com perdas significativas de sua área geográfica de influência migratória. Encontra-se entre os macropolos com as maiores taxas quinquenais de volume total de migrantes e saldo migratório líquido, as quais, no entanto, experimentam reduções significativas no decorrer de todo o período, o que indica que sua pequena escala urbano-industrial tem restringido sua capacidade de atração migratória da população excedente do interior do Estado do Ceará. O macropolo de Salvador apresenta características opostas ao de Fortaleza, pois exibe, no período, pequeno dinamismo migratório, garantindo, porém, a ampliação de sua área de influência migratória. Até os anos 70, possuía, ao lado de Recife, a menor área de influência dentre os macropolos brasileiros. Nos anos 80, sua área de influência salta de 8 para 23 microrregiões, com um acréscimo de 15 novas áreas sob sua órbita direta de influência migratória, o que reflete o surto industrializante da economia estadual, puxado pelo macropolo da capital baiana. No entanto, o histórico excedente populacional da própria capital e seu entorno imediato, o bolsão de pobreza e subemprego de sua população economicamente ativa, possivelmente tem reduzido seu poder de atração migratória, limitando o próprio escopo de ampliação de sua área de influência, que fica estagnado na década de 1990. Por sua vez, o pouco dinamismo migratório do macropolo de Recife e sua restrita área de influência migratória evidenciam seu processo de estagnação urbano-industrial, como já conhecido na literatura.

Finalmente, os macropolos do Norte revelam características bem distintas relativas aos seus movimentos populacionais.

O macropolo de Manaus é o único que apresenta crescimento absoluto de seu volume e saldo migratório, com as respectivas taxas estáveis, o que indica que, durante os três subperíodos analisados, os seus fluxos migratórios acompanharam o ritmo de crescimento de sua população residente. Este dinamismo migratório resulta em significativa ampliação de sua área de influência migratória, com a incorporação de mais nove microrregiões pertencentes a estados da região Norte. De forma oposta, o pequeno dinamismo migratório do macropolo de Belém resulta na estabilidade de sua área de influência, que, após uma pequena expansão nos anos 80, volta, no período 1995-2000, para os níveis da década de 1970.

As Tabelas 3 e 4 apresentam os resultados consolidados das áreas de influência migratória e dos fluxos migratórios dos 50 mesopolos brasileiros mais dinâmicos em termos migratórios. A análise dos resultados deve ser feita com cautela, pois a relação entre a evolução das áreas de influência e dos fluxos migratórios nem sempre é direta e unidirecional. Uma primeira observação é a de que, independente do nível absoluto e da intensidade dos fluxos migratórios, as áreas geográficas de influência migratória dos mesopolos que sediam capitais estaduais, não classificadas como "macropolos", tendem a ser relativamente maiores do que a dos mesopolos que não as sediam. Existem duas razões para este fenômeno. A primeira é o fato de estes últimos serem, em geral, contíguos aos macropolos, pertencendo à rede urbana regional diretamente polarizada pelo macropolo, o qual constitui a centralidade urbana principal da região. A segunda razão é a densidade da rede urbana regional. Redes urbanas densas, como a do Estado de São Paulo, tendem a possuir um número significativo de cidades de médio porte, que disputam um número relativamente reduzido de microrregiões. Certamente, a definição de áreas de influência baseada em municípios poderia elucidar melhor a delimitação geográfica dos fluxos migratórios.

Uma segunda observação é que os mesopolos econômicos apresentam um movimento populacional similar ao dos

macropolos, ou seja, uma tendência decrescente das taxas migratórias, tanto em relação ao volume total de migrantes como ao saldo migratório, o que reduz a participação dos migrantes recentes no total

da população residente. Este processo de arrefecimento relativo dos fluxos migratórios dos mesopolos corrobora, portanto, as análises sobre a estabilização dos movimentos populacionais interestaduais. No

TABELA 3
Mesopolos econômicos brasileiros selecionados: 1980, 1991 e 2000. Saldos e volume total de migrantes e seus percentuais em relação à população residente – 1975-1980, 1986-1991 e 1995-2000

| Mesopolos Econômicos | Volume Total de Migrantes (VTM) | | | Saldo Migratório (SM) | | |
|-----------------------|---------------------------------|-------------------|-------------------|-----------------------|-----------|-----------|
| | 1975/1980 | 1986/1991 | 1995/2000 | 1975/1980 | 1986/1991 | 1995/2000 |
| Campinas | 330.203 | 285.456 | 308.054 | 189.285 | 146.624 | 94.524 |
| Goiania | 239.235 | 216.627 | 274.702 | 95.135 | 72.777 | 93.416 |
| Vitória | 159.419 | 166.924 | 166.595 | 85.643 | 77.528 | 37.303 |
| Ilhéus | 105.102 | 125.403 | 156.026 | 452 | -55.149 | -69.880 |
| Sorocaba | 140.225 | 125.047 | 148.217 | 68.649 | 61.291 | 55.733 |
| São José dos Campos | 153.623 | 124.124 | 140.027 | 73.721 | 48.180 | 40.259 |
| Natal | 126.105 | 123.316 | 128.485 | 34.575 | 32.934 | 23.683 |
| São Luís | 110.366 | 136.874 | 124.472 | 33.024 | 47.044 | 30.002 |
| Campo Grande | 110.730 | 118.127 | 122.475 | 38.776 | 43.297 | 25.539 |
| Maceió | 98.059 | 115.416 | 115.611 | 17.421 | 31.574 | 11.365 |
| Cuiabá | 81.969 | 112.767 | 113.079 | 41.857 | 37.029 | -75 |
| João Pessoa | 99.970 | 97.698 | 104.177 | 23.204 | 25.568 | 21.283 |
| Florianópolis | 63.264 | 70.551 | 103.227 | 24.442 | 27.917 | 44.315 |
| Uberlândia | 104.728 | 82.521 | 103.020 | 40.644 | 27.421 | 30.668 |
| Teixeira de Freitas | 71.430 | 80.925 | 102.489 | -10.482 | -5.757 | 8.025 |
| Ribeirão Preto | 105.777 | 85.186 | 101.732 | 34.577 | 22.980 | 16.010 |
| Teresina | 102.851 | 108.028 | 99.583 | 11.231 | 13.886 | 3.593 |
| São José do Rio Preto | 90.382 | 85.885 | 94.048 | 6.792 | 33.829 | 33.404 |
| Londrina | 153.704 | 101.074 | 90.123 | -15.494 | 20.482 | 17.077 |
| Joinville | 72.458 | 82.935 | 88.934 | 37.762 | 47.803 | 28.128 |
| Maringá | 121.492 | 88.154 | 82.770 | -13.316 | 30.072 | 22.850 |
| Aracaju | 68.989 | 77.074 | 80.993 | 38.761 | 30.214 | 12.555 |
| Cascavel | 161.269 | 92.558 | 79.351 | -3.835 | -12.242 | -9.211 |
| Caxias do Sul | 73.137 | 65.435 | 77.039 | 36.521 | 22.353 | 22.655 |
| Imperatriz | 97.805 | 107.666 | 75.933 | 19.263 | 4.690 | -22.189 |
| Caruaru | 101.443 | 79.994 | 70.384 | -34.115 | -10.892 | -3.350 |
| Presidente Prudente | 101.065 | 70.194 | 68.238 | 20.925 | 3.942 | 2.754 |
| Vitória da Conquista | 60.313 | 64.205 | 67.347 | -729 | -15.857 | -8.753 |
| Dourados | 107.654 | 75.834 | 66.846 | 8.793 | -11.320 | -10.908 |
| Bauru | 79.553 | 65.308 | 66.524 | 28.867 | 17.930 | 13.976 |
| Porto Velho | 30.829 | 76.025 | 66.369 | 13.581 | 23.091 | 8.919 |
| Blumenau | 57.691 | 56.789 | 66.227 | 20.285 | 20.935 | 11.023 |
| Juiz de Fora | 66.153 | 52.241 | 61.579 | 15.801 | 8.949 | 13.791 |
| Chapécó | 52.544 | 59.744 | 56.514 | 14.892 | -14.980 | -14.712 |
| Volta Redonda | 73.232 | 50.998 | 55.389 | 37.174 | -1.848 | -3.501 |
| Ipatinga | 95.285 | 54.013 | 55.208 | 22.522 | -1.095 | 1.904 |
| Campina Grande | 66.751 | 58.235 | 55.069 | -4.675 | 1.641 | -11.299 |
| Ji-Paraná | 54.641 | 70.769 | 54.516 | 32.883 | -8.635 | -3.378 |
| Governador Valadares | 91.200 | 64.004 | 54.393 | 6.300 | -13.118 | -14.591 |
| Macapá | 20.915 | 27.103 | 53.310 | 2.701 | 12.795 | 23.484 |
| Santarém | 42.669 | 44.780 | 52.979 | 3.429 | -6.470 | -25.845 |
| Rio Verde | 40.448 | 46.085 | 52.740 | -2.053 | 2.713 | 6.568 |
| Juazeiro do Norte | 72.678 | 59.262 | 52.546 | -13.550 | -6.330 | -310 |
| Santa Luzia | 74.029 | 84.915 | 52.220 | -501 | -24.733 | -19.400 |
| Marabá | 38.014 | 49.967 | 51.022 | 7.740 | -4.505 | 976 |
| Juazeiro | 55.329 | 45.933 | 50.709 | 7.572 | -2.943 | -3.103 |
| Montes Claros | 56.767 | 48.740 | 50.253 | 16.586 | -9.462 | -4.249 |
| Brasil | 23.660.668 | 20.497.679 | 20.821.071 | | | |

(continua)

(continuação)

| Mesopolo Econômicos | VMT/População Residente (%) | | | SM/População Residente (%) | | |
|------------------------|-----------------------------|--------------|--------------|----------------------------|-----------|-----------|
| | 1975/1980 | 1986/1991 | 1995/2000 | 1975/1980 | 1986/1991 | 1995/2000 |
| Campinas | 27,14 | 16,09 | 13,94 | 8,27 | 3,72 | 4,28 |
| Goiania | 27,72 | 17,05 | 16,22 | 5,73 | 2,06 | 5,52 |
| Vitória | 22,57 | 15,67 | 12,46 | 7,28 | 3,32 | 2,79 |
| Ilhéus | 11,22 | 11,10 | 14,22 | -4,88 | -3,31 | -6,37 |
| Sorocaba | 23,32 | 14,37 | 13,17 | 7,05 | 2,64 | 4,95 |
| São José dos Campos | 21,21 | 12,10 | 11,36 | 4,70 | 2,23 | 3,26 |
| Natal | 27,90 | 18,00 | 15,00 | 4,81 | 4,80 | 2,76 |
| São Luís | 22,12 | 16,69 | 11,63 | 5,74 | 5,74 | 2,80 |
| Campo Grande | 32,72 | 20,51 | 16,92 | 7,52 | 3,49 | 3,53 |
| Maceió | 19,05 | 14,87 | 11,83 | 4,07 | -0,55 | 1,16 |
| Cuiabá | 25,53 | 18,68 | 15,24 | 6,14 | 3,33 | -0,01 |
| João Pessoa | 20,45 | 13,63 | 11,97 | 3,57 | 3,57 | 2,45 |
| Florianópolis | 17,32 | 13,27 | 14,54 | 5,25 | 2,31 | 6,24 |
| Uberlândia | 25,62 | 14,61 | 14,67 | 4,85 | 2,63 | 4,37 |
| Texeira de Freitas | 16,89 | 16,18 | 16,17 | -1,15 | -2,44 | 1,27 |
| Ribeirão Preto | 20,09 | 11,78 | 11,78 | 3,18 | 1,42 | 1,85 |
| Teresina | 20,04 | 14,48 | 11,34 | 1,86 | 1,86 | 0,41 |
| São José do Rio Preto | 22,05 | 15,64 | 14,02 | 6,16 | 1,35 | 4,98 |
| Londrina | 36,20 | 18,62 | 14,10 | 3,77 | 0,60 | 2,67 |
| Joinville | 20,23 | 15,70 | 13,09 | 9,05 | 5,34 | 4,14 |
| Maringá | 49,18 | 24,41 | 18,36 | 8,33 | -5,97 | 5,07 |
| Aracaju | 20,36 | 14,54 | 11,99 | 5,70 | 4,55 | 1,86 |
| Cascavel | 48,96 | 26,38 | 20,07 | -3,49 | -11,02 | -2,33 |
| Caxias do Sul | 17,89 | 12,28 | 11,79 | 4,20 | 4,85 | 3,47 |
| Imperatriz | 33,18 | 23,60 | 14,88 | 1,03 | 4,22 | -4,35 |
| Caruaru | 17,76 | 12,05 | 9,46 | -1,64 | -5,14 | -0,45 |
| Presidente Prudente | 24,56 | 14,35 | 12,54 | 0,81 | -5,34 | 0,51 |
| Vitória da Conquista | 13,73 | 12,21 | 11,09 | -3,01 | -2,46 | -1,44 |
| Dourados | 33,32 | 21,33 | 16,40 | -3,18 | 0,38 | -2,68 |
| Bauru | 23,05 | 14,85 | 12,95 | 4,08 | 2,55 | 2,72 |
| Porto Velho | 23,03 | 25,81 | 16,07 | 7,84 | 4,61 | 2,16 |
| Blumenau | 17,23 | 12,84 | 12,09 | 4,73 | 3,14 | 2,01 |
| Juiz de Fora | 13,38 | 8,96 | 9,27 | 1,53 | 0,69 | 2,08 |
| Chapecó | 17,48 | 17,54 | 15,63 | -4,40 | 0,96 | -4,07 |
| Volta Redonda | 15,67 | 9,31 | 8,89 | -0,34 | 3,63 | -0,56 |
| Ipatinga | 26,74 | 13,16 | 11,64 | -0,27 | 7,95 | 0,40 |
| Campina Grande | 19,91 | 13,71 | 11,88 | 0,39 | -1,10 | -2,44 |
| Ji-Paraná | 44,89 | 25,64 | 17,89 | -3,13 | 11,92 | -1,11 |
| Governador Valadares | 25,27 | 16,73 | 13,70 | -3,43 | -8,82 | -3,67 |
| Macapá | 15,22 | 11,62 | 13,61 | 5,48 | 1,16 | 5,99 |
| Santarém | 13,34 | 11,43 | 12,32 | -1,65 | 0,88 | -6,01 |
| Rio Verde | 26,99 | 16,08 | 15,31 | 0,95 | -4,56 | 1,91 |
| Juazeiro do Norte | 21,46 | 14,91 | 11,23 | -1,59 | -3,41 | -0,07 |
| Santa Luzia | 22,70 | 17,60 | 9,54 | -5,13 | -0,10 | -3,54 |
| Marabá | 39,74 | 32,16 | 23,70 | -2,90 | 4,98 | 0,45 |
| Juazeiro | 19,20 | 13,41 | 12,44 | -0,86 | -1,30 | -0,76 |
| Montes Claros | 14,92 | 10,38 | 9,30 | -2,02 | -3,29 | -0,79 |
| Brasil | 19,88 | 13,96 | 12,26 | | | |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000 (microdados).

entanto, a riqueza do recorte micror-regional deve-se à possibilidade de captar com mais precisão a dinâmica migratória, já que esta se relaciona com a evolução da rede urbana nacional, verificável diretamente no nível macroespacial. A

conformação dos mesopolos econômicos é, talvez, a face mais reveladora desses movimentos populacionais, uma vez que reflete a emergência de novas localidades com poder de atração e repulsão de população.

TABELA 4
Mesopolos econômicos brasileiros selecionados: 1980, 1991 e 2000. Número de microrregiões de influência (direta)

| Mesopolos Econômicos | Microrregiões de Influência (n) | | | Diferença | |
|-------------------------|---------------------------------|------------|------------|-----------|-----------|
| | 1980 | 1991 | 2000 | 1980/1991 | 1991/2000 |
| Campinas | 7 | 5 | 1 | - 2 | - 4 |
| Goiania | 22 | 20 | 23 | - 2 | 3 |
| Vitória | 11 | 12 | 12 | 1 | |
| Ilhéus | 3 | 2 | 2 | - 1 | |
| Sorocaba | 4 | 4 | 4 | | |
| São José dos Campos | 6 | 6 | 5 | | - 1 |
| Natal | 13 | 12 | 13 | - 1 | 1 |
| São Luís | 8 | 9 | 10 | 1 | 1 |
| Campo Grande | 6 | 6 | 6 | | |
| Maceió | 7 | 7 | 8 | | 1 |
| Cuiabá | 9 | 15 | 14 | 6 | - 1 |
| João Pessoa | 8 | 10 | 10 | 2 | |
| Florianópolis | 2 | 2 | 3 | | 1 |
| Uberlândia | 6 | 5 | 7 | - 1 | 2 |
| Texeira de Freitas | 2 | 2 | 1 | | - 1 |
| Ribeirão Preto | 4 | 5 | 5 | 1 | |
| Teresina | 7 | 7 | 7 | | |
| São José do Rio Preto | 4 | 8 | 6 | 4 | - 2 |
| Londrina | 4 | 4 | 5 | | 1 |
| Joinville | 2 | 3 | 2 | 1 | - 1 |
| Maringá | 3 | 6 | 5 | 3 | - 1 |
| Aracaju | 12 | 14 | 14 | 2 | |
| Cascavel | 10 | 5 | 3 | - 5 | - 2 |
| Caxias do Sul | 4 | 4 | 4 | | |
| Imperatriz | 6 | 6 | 5 | | - 1 |
| Caruaru | 1 | 1 | 3 | | 2 |
| Presidente Prudente | 2 | 2 | 2 | | |
| Vitória da Conquista | 1 | 2 | 2 | 1 | |
| Dourados | 3 | 2 | 2 | - 1 | |
| Bauru | 2 | 1 | 1 | - 1 | |
| Porto Velho | 2 | 4 | 6 | 2 | 2 |
| Blumenau | 5 | 5 | 5 | | |
| Juiz de Fora | 2 | 2 | 2 | | |
| Chapecó | 4 | 5 | 4 | 1 | - 1 |
| Volta Redonda | 4 | 4 | 4 | | |
| Ipatinga | 2 | 2 | 2 | | |
| Campina Grande | 5 | 5 | 3 | | - 2 |
| Ji- Paraná | 3 | 5 | 4 | 2 | - 1 |
| Governador Valadares | 1 | 1 | 1 | | |
| Macapá | 5 | 5 | 6 | | 1 |
| Santarém | 3 | 2 | 2 | - 1 | |
| Rio Verde | 3 | 5 | 4 | 2 | - 1 |
| Juazeiro do Norte | 5 | 4 | 4 | - 1 | |
| Santa Luzia | 3 | 3 | 3 | | |
| Marabá | 3 | 3 | 3 | | |
| Juazeiro | 3 | 2 | 2 | - 1 | |
| Montes Claros | 4 | 4 | 4 | | |
| Total | 548 | 557 | 557 | | |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000 (microdados).

Considerações finais

Neste artigo foram identificadas as áreas de influência migratória dos pólos econômicos brasileiros em três momentos

específicos: 1980, 1991 e 2000. O modelo utilizado revelou que as mudanças ocorridas nas áreas de influência desses pólos são aparentemente sutis mas substantivas quando analisadas mais detidamente. Em

geral, as maiores mudanças ocorreram entre 1991 e 2000, indicando, na maioria das vezes, inversão da tendência observada nos períodos anteriores. O que sugere um novo direcionamento dos fluxos regionais de população e, conseqüentemente, de mão-de-obra, com maior destaque à ampliação da área de influência de pólos sub-regionais.

A caracterização das áreas de influência migratória desses pólos traduziu, ao longo de três décadas, a dinâmica migratória corrente nos níveis macro e microrregional. O seu mapeamento possibilitou que as análises fossem efetuadas com base na visualização espacial do conjunto das áreas de influência dos pólos econômicos brasileiros, obtido por meio do modelo proposto. Isso permitiu que se evidenciasse a evolução da rede de microrregiões que compunham, durante as décadas de 70, 80 e 90, as áreas de influência dos pólos econômicos brasileiros, nos níveis macro e microrregionais.

Foi notável, também, a mudança na configuração geográfica das áreas de

influência dos pólos econômicos entre os dois quinquênios, não só no âmbito macro, mas também no âmbito microrregional. Fica claro que a mudança no padrão migratório brasileiro atingiu não somente os fluxos entre grandes regiões e entre as unidades da Federação, mas também os fluxos intermicrorregionais, em todo território nacional, ao longo de pelo menos duas décadas.

Um outro fato digno de comentário, revelado a partir dos resultados deste estudo e que ilustra quão ilusórios são os limites administrativos das unidades federativas nacionais no que diz respeito às delimitações das áreas de influência econômica e migratória de seus centros econômicos, diz respeito às possíveis contribuições que ele pode vir a oferecer às pesquisas sobre as migrações internas no Brasil, no sentido de chamar a atenção dos especialistas para que foquem seus trabalhos em recortes geográficos mais significativos que as tradicionais unidades da Federação e grandes regiões, privilegiando escalas analíticas microrregionais.

Referências bibliográficas

BRITO, F. **População, espaço e economia numa perspectiva histórica**. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG, 1997.

BRITO, F., GARCIA, R.A. e CARVALHO, J.A.M. As migrações de curto prazo nas regiões metropolitanas: migrantes de etapa única, migrantes de retorno e migrantes de passagem - 1986/1991. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, MG, 2002. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2002, p. 1-16. (Disponível em CD-ROM)

CARVALHO, J.A.M. de e GARCIA, R.A. **Estimativas decenais e quinquenais de saldos migratórios e taxas líquidas de migração do Brasil, por situação de domicílio, sexo e idade, segundo unidade da Federação e macrorregião, entre 1960 e 1990, e estimativas de emigrantes internacionais do período 1985/1990**. Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG, 2002.

CARVALHO, J.A.M. e RIGOTTI, J.I.R. Os dados censitários brasileiros sobre migrações internas: algumas sugestões para análise. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 15, n. 2, jul./dez. 1998, p. 7-17.

CHRISTALLER, W. **Central places in southern Germany**. New Jersey: Prentice-Hall, 1966.

DINIZ, C.C. Desenvolvimento poligonal no Brasil: nem desconcentração nem contínua polarização. **Revista Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 1993.

GARCIA, R.A. **A migração como variável endógena**: uma proposta de regionalização baseada em pólos econômicos e suas áreas de influência. Tese de doutorado em Demografia. Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG, 2002. 181p.

ISARD, W. **Introduction to regional science**. New Jersey: Prentice-Hall, 1975.

LEMOS, M.B., DINIZ, C.C. e GUERRA, L.P. Pólos econômicos do Nordeste e suas áreas de influência: uma aplicação do modelo gravitacional utilizando Sistema de Informações Geográficas (SIG). **Revista Econômica do Nordeste**, v. 30, número especial, dez. 1999, p. 568-584.

LEMOS, M.B. et al. **A nova geografia econômica do Brasil**: uma proposta de regionalização com base nos pólos econômicos e suas áreas de influência. Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG, 2000. Mimeo. (Texto apresentado no IX Seminário sobre a Economia Mineira, Diamantina, 29 de agosto a 1º de setembro de 2000.) Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/pronex/regional.html>.

LÖSCH, A. Economic regions. In: FRIEDMANN, J. e ALONSO, W. (eds.), **Regional development and planning**: a reader. Cambridge: MIT, 1969.

RIGOTTI, J.I.R. **Técnicas de mensuração das migrações a partir de dados censitários**: aplicação aos casos de Minas Gerais e São Paulo. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG, 1999.

VON THÜNEN, J.H. **Isolated state**. New York: Pergamon Press, 1966.

WEBER, A. **Theory of the location of industries**. Chicago: Chicago University Press, 1969.

Abstract

Transformations in the areas of influence of Brazilian economic regions in 1980, 1991 and 2000

The present study analyzes transformations that occurred in the areas of migratory influence in major economic regions of Brazil over the last three decades. On the basis of the urban hierarchy of the economic regions in Brazil, a model for identifying their areas of migratory influence is suggested. Based on the country's geographical configurations obtained from the mapping of the results from 1980, 1991 and 2000, interesting considerations are brought up as to the dynamics of the migratory flows among the major economic regions in Brazil.

Key words: Domestic migration. Economic regionalization. Gravitational model.

Recebido para publicação em 30/06/2004.

Aceito para publicação em 11/01/2005.